

Heroísmo do Padre Kolbe

Ao escolher a morte,
ele dignificou a vida

LAWRENCE ELLIOTT

NO FIM de um dia quente e sufocante, em julho de 1941, um prisioneiro fugiu de um setor de trabalhos forçados, em Auschwitz, o campo de concentração nazista ao sul da Polônia, e desapareceu. Quando a fuga foi descoberta, na chamada daquela noite, turmas de busca partiram à sua procura. Se o fugitivo não fosse encontrado em 24 horas, anunciou o comandante do campo, dez dos seiscentos homens do seu bloco de celas seriam mortos, como represália.

LAWRENCE ELLIOTT é o autor da biografia do Papa João XXIII, *I Will Be Called John* (Serei chamado João) publicada em julho nos Estados Unidos pela Reader's Digest Press/F. P. Dutton.

A morte não era uma coisa estranha em Auschwitz. Mas, para os homens desolados, amontoados nas salas fétidas e imundas do Bloco 14, a expectativa da revoltante loteria era uma tortura especial. Enquanto transcorria a longa noite, nenhum deles poderia ser censurado por esperar secretamente que encontrassem o fugitivo.

Mas ele não foi encontrado. Nunca mais se ouviu falar dele, e passou à história por ter preparado a cena para o homem que o Papa Paulo VI descreveu, trinta anos depois, como «a figura mais brilhante e reluzente» que emergiu da «degradação desumana e da crueldade inconcebível da época nazista.»

NINGUÉM dormiu no Bloco 14, naquela noite. Cada homem enfrentava sua própria agonia. Dignidade, lar, liberdade, família — tudo fora perdido; e agora até a vida estava em perigo. Um prisioneiro, o soldado polonês Francis Gajowniczek, recorda: «Pelo menos, enquanto se estivesse vivo podia-se ter esperança.» Para Gajowniczek, a esperança era particularmente real. Ele acreditava que sua mulher e os dois filhos estivessem vivos. Se, ao menos, pudesse sobreviver àquele purgatório, ele os encontraria e, juntos, reconstruiriam suas vidas.

Num catre próximo, estava o artista Mieczyslaw Koscielniak, que já havia perdido as esperanças. «Os que tinham sorte já estavam mortos», lembra-se ele de ter pensado. «E os nazistas haviam



reduzido o que restava de nós a animais que roubavam uma simples côdea de pão. Exceto o padre.»

Mesmo então, Koscielniak sabia que o padre era diferente. Quase sempre doente, mais fraco que muitos outros, o padre, ainda assim, parecia ter sempre alguma comida para dividir. Se pudesse se levantar, trabalhava; se outro fraquejasse, ele compartilhava de sua carga. Ouvia confissões secretamente e, mesmo durante a noite sem fim, Koscielniak se lembra de ter visto o padre ajoelhado, ao lado da cama de um jovem que soluçava, confortando-o com sua extrema benevolência e tentando convencê-lo de que «a morte não é nada de se temer».

Quando os prisioneiros fizeram a fila, para a chamada da manhã, o sol brilhava impiedosamente. Os grupos de outros blocos de celas foram logo marchando para suas tarefas, mas os homens do Bloco 14 permaneceram de pé no pátio. Ficaram ali o dia todo, dez filas de esqueletos vivos. Os que desmaiavam eram chutados e espancados até que se levantassem; os que não pudessem se levantar eram, simplesmente, empilhados num monte.

Às seis da tarde, o comandante do campo, Coronel Fritsch, anunciou que o fugitivo não fora encontrado. Então, ele escolheria os dez que deveriam morrer. Seriam leva-

dos para o abrigo subterrâneo do Bloco 13, e abandonados à míngua.

A seleção levou apenas alguns minutos, mas, para os homens que esperavam, foi uma eternidade. Com as botas raspando o solo crestado, Fritsch se dirigiu para uma fileira e, em seguida, às outras. Dez vezes ele parou, apontou e disse uma única palavra, no silêncio angustiante: «Você!» E, a cada vez, os guardas empurravam para frente o homem condenado. Alguns dos dez choravam. Um deles, o soldado Gajowniczek, gritou: «Minha mulher! Meus filhinhos!»

Quando os guardas se preparavam para levar os homens sentenciados, houve um movimento súbito na formação. Mais um homem avançou: o padre. «O que aquele porco polonês pensa que está fazendo?» gritou Fritsch. Mas o padre continuou avançando, trêmulo, o rosto lívido, ignorando as armas erguidas dos guardas. Finalmente, declarou: «Se for da vontade do *Lagerführer*, desejo tomar o lugar de um destes prisioneiros.» Apontou para Gajowniczek: «Aquele.»

Fritsch olhou fixamente, com ferocidade, para o vulto macilento na sua frente. «Está maluco?», disse bruscamente o alemão.

«Não», respondeu o padre. «Mas sou só no mundo. Aquele homem tem uma família para quem viver. Por favor.»

«Quem é você? Em que trabalha?»

«Sou padre católico.»

Os homens que observavam se remexeram nervosamente. Kosciel-

niak lembra-se de ter pensado: «Fritsch levará os dois, ele e Gajowniczek.» E o que pensou Fritsch, contemplando os olhos serenos naquele rosto alquebrado? Terá compreendido, naquele momento sublime, que estava na presença de uma personalidade mais forte do que a sua? Aqueles que se lembram dizem que seu olhar vacilou. «Aceito», murmurou, e se afastou.

Os homens do Bloco 14 estavam atordoados. «Não podíamos entender aquilo», diz hoje Koscielniak. «Por que um homem faria tal coisa? Quem era ele, afinal, aquele padre?»

Era Maximilian Maria Kolbe, frade franciscano. Com o tempo, Koscielniak e os outros que sobreviveram saberiam que haviam presenciado o nascimento de um santo.

RAYMOND KOLBE (adotou o nome de *Maximilian* quando entrou para a ordem franciscana) nasceu numa pequena vila polonesa em 1849 e, aos treze anos, já havia decidido ser padre. Aos dez anos, tinha contado à mãe uma experiência mística, na qual a Virgem Maria lhe havia pedido para escolher entre duas coroas: a branca, que significava a pureza, e a vermelha, o martírio. «Escolhi ambas», disse o menino.

Contraiu tuberculose quando jovem, e nunca mais ficou inteiramente livre de doenças. Mas «era um moço muito talentoso», disse um de seus professores da Universidade Gregoriana em Roma. Aos 21 anos, era doutor em filosofia. Um

ano depois de sua ordenação, doutorou-se também em teologia. Podia ter feito uma carreira brilhante na hierarquia da igreja.

Mas sua vocação estava em outro lugar. Em 1917, organizava em Roma a Milícia de Maria Imaculada, uma cruzada para recuperar o mundo, profanado pela guerra e pela imoralidade. Voltando à Polônia, e trabalhando sozinho, para surpresa e perplexidade de seus superiores, começou a publicar uma revista mensal, *Paladino da Imaculada*, para propagar o evangelho do amor divino. Quando a circulação atingiu sessenta mil exemplares, o Padre Kolbe foi forçado a procurar instalações que acomodassem a florescente revista e os irmãos franciscanos que acorriam para ajudá-lo.

Em 1927, erigiu uma imagem da Virgem Maria num campo, a cerca de quarenta quilômetros de Varsóvia — o início do que viria a ser o maior mosteiro do mundo, Niepokalanów, construído por Kolbe e seus frades; e crescendo ainda hoje. Em 1939, havia mais de 750 frades em Niepokalanów, para imprimir mensalmente mais de um milhão de exemplares do *Paladino*. Mas 1939 foi também o ano em que Hitler começou a Segunda Guerra Mundial com um ataque devastador à Polônia.

Violentemente antinazista, o Padre Kolbe foi preso antes da queda de Varsóvia. E, embora tenha sido libertado logo depois, estava seguro de que a trégua seria breve. Regressou rapidamente ao

mosteiro de Niepokalanów, agora bombardeado e saqueado, para ali organizar um abrigo, onde, em pouco tempo, mais de dois mil refugiados encontrariam asilo. Chegou a publicar um último número de sua adorada revista. «Ninguém no mundo pode alterar a verdade», escreveu então. «Tudo que podemos fazer é procurá-la e vivê-la.»

A 17 de fevereiro de 1941, os nazistas foram buscá-lo novamente. Desta vez, suspeito de ser inimigo do Terceiro Reich, o Padre Kolbe foi enviado, primeiro, para uma prisão em Varsóvia e, depois, para Auschwitz. Chegou num vagão de gado com outros 320. Sofreu as vicissitudes de um trabalho estafante, rações minguidas de pão e sopa de repolho, e desumanização diária. Um dia, curvado sob uma pesada carga de madeira, o Padre Kolbe tropeçou e caiu, sendo espancado quase até a morte por um guarda. Foi trazido de volta a uma vida precária, no hospital do campo, por um médico polonês, chamado Rudolf Diem. Como não podia trabalhar, recebia apenas meia ração de comida, mas ainda assim dava, com freqüência, parte dela a outros doentes. «Vocês são jovens», dizia ele. «Devem sobreviver.»

Doente como estava, pesando menos de 45 quilos, o Padre Kolbe podia ter dormido numa cama de verdade no hospital, «mas insistia em dormir num catre de madeira com colchão de palha», lembra o Dr. Diem. «Quería deixar a cama para alguém cujo sofrimento fosse

maior que o dele.» No fim de julho, sentindo-se melhor, o padre foi designado para o Bloco 14. Poucos dias depois, o prisioneiro escapou, e o Padre Kolbe procurou a coroa vermelha do martírio.

OS DEZ, que haviam sido escolhidos para morrer de fome, estavam agora deitados, nus, no chão de cimento de uma cela úmida e subterrânea do Bloco 13. Às vezes, gemiam ou gritavam em delírio. Mas, enquanto tiveram consciência, responderam à afirmação do Padre Kolbe de que Deus não os tinha abandonado. Enquanto tiveram forças, rezaram e cantaram. Depois de alguns dias, os guardas, que já tinham assistido à morte de centenas, mas de nenhum que tivesse encarado o fim com tal tranqüilidade, recusaram-se a chegar perto da cela da morte, e enviaram um soldado polonês para remover os corpos dos que haviam morrido.

No Bloco 14, o soldado Gajowniczek ficou desnorteado com o sacrifício do Padre Kolbe. Chorava, e se recusava a comer. Então, Koscielniak o chamou à razão. «Trate de se dominar! O padre vai morrer à toa?» Naquele momento, Gajowniczek decidiu que deveria viver. Não desperdiçaria a dádiva do Padre Kolbe. Também para Koscielniak, o sacrifício do padre marcou o fim do desespero. «Um homem assim era motivo bastante para se continuar.»

No fim de duas semanas, apenas quatro homens ainda estavam vivos

no subterrâneo do Bloco 13 e, destes, o Padre Kolbe foi o último a morrer. Era como se tivesse de ajudar cada camarada no infortúnio final, antes que pudesse se libertar. Aí, então, os nazistas tiveram de acabar com ele. Vieram com uma injeção de ácido fênico, no 15.º dia de sua agonia, a 14 de agosto, a véspera da Assunção. Sorrindo, e murmurando «Ave Maria», o padre esticou o braço para a injeção.

QUATRO longos anos depois, passado o horror, Francis Gajowniczek fez a viagem de volta ao que havia sido o seu lar em Varsóvia, e o encontrou bombardeado e transformado em pó. Seus dois filhos haviam morrido, mas encontrou a mulher viva. Os dois se mudaram para uma pequena vila e, pacientemente, começaram a construir uma nova vida.

Então, Gajowniczek ouviu notícias extraordinárias: a história do martírio do Padre Kolbe chegara ao Vaticano, e tinha sido proposta sua beatificação, passo preliminar para a canonização. Gajowniczek foi chamado pela Igreja para testemunhar, como outros que haviam conhecido sua vida altruísta e morte heróica. Finalmente, 24 anos depois de inúmeras investigações extremamente meticulosas e exaustivas, a justiça da causa foi confirmada.

E assim, a 17 de outubro de 1971, se reuniram diante do altar-mor da Basílica de São Pedro, em Roma, oito mil homens e mulheres, que haviam peregrinado da Polônia para

a cerimônia solene da beatificação. Entre eles, estavam Francis Gajowniczek e sua mulher, agora já inativo e de cabelos brancos, assim como Koscielniak. Um retrato do bem-aventurado Padre Kolbe foi descerrado e, pela primeira vez, na história eclesiástica da Igreja Romana, o próprio Papa presidiu a todo o cerimonial.

«Milhões de seres foram sacrificados ao orgulho, força e loucura do racismo», disse Sua Santidade. «Mas, naquela escuridão, brilha a figura

de Maximilian Kolbe. Sobre aquela imensa antecâmara da morte, paira a sua palavra divina e imperecível de vida: o amor que redime.»

E, assim, o Padre Kolbe vive para sempre, um símbolo dos sacrifícios desconhecidos e dos heroísmos não reconhecidos. Ele deu o dom da vida a um homem; e, a inúmeros outros, a coragem para sobreviver à tirania que os castigava. A todos os homens, de todas as seitas, ele deixa o legado de seu espírito humilde, bondoso e indomável.



PARA FINS sociais, uma americana em visita a Rodes havia aprendido um pouco de grego. «Bom dia», disse ela, e acrescentou uma das frases recentemente aprendidas. Seu sotaque, evidentemente, não estava à altura das suas boas intenções. O dono da loja sorriu para ela. Depois, pousou amavelmente a mão no seu ombro e disse, em inglês impecável: «Minha querida amiga grega.»

— M. B. M.



DE UM discurso do Meritíssimo Juiz Megarry no Instituto Britânico de Executivos Legais:

Na sociedade permissiva, os permissionistas têm direitos ilimitados e nenhum dever, enquanto nós só temos deveres ilimitados e nenhum direito.

Por exemplo, há o «direito» permissivo de tomar drogas; este é contrabalançado pelos deveres dos médicos e dos advogados, de ajudarem àqueles que já não conseguem se dominar.

Há o «direito» à liberdade nas relações sexuais; este é contrabalançado pelo dever da sociedade, de prover o tratamento para as doenças venéreas e interromper a gravidez, como acontece tantas vezes.

Há o «direito» de não trabalhar; este é contrabalançado pelo dever do mundo, de suprir os permissionistas com a comida, os serviços médicos, dentários, legais e quaisquer outros que a sociedade *deles* não pode prover.

Na sociedade permissiva, cada membro proclama o direito de fazer aquilo que bem entender, qualquer que seja o fardo que outros tenham de carregar como consequência. Esta liberdade, usada somente por um dos lados, é aquilo que costumava se chamar egoísmo.